



ARTIFICIALISMO E TRANSGRESSÃO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESTÉTICA DECADENTISTA EM “HISTÓRIA DE GENTE ALEGRE”, DE JOÃO DO RIO¹

Sabrina Ferraz Fraccari²

Pablo Lemos Berned³

Resumo: João do Rio, autor carioca cuja maior parte da produção literária se deu nas duas primeiras décadas do século XX, foi um *flâneur*, andando pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro à procura de histórias para contar. Famoso pela produção de crônicas e reportagens, o carioca também escreveu ficção, tendo inclusive um livro de contos que foi *best-seller* na época de lançamento: *Dentro da noite*, publicado originalmente em 1910, que vendeu mais de 10 mil cópias. Sua produção ficcional apresenta, segundo Levin (1996), traços que a ligam ao Decadentismo, estética literária surgida na França no final do século XIX, que postulou que a literatura deveria se opor à vida burguesa e buscar o prazer em práticas pouco comuns, apelando, sobretudo, para o refinamento das sensações. A estética decadentista aparece na obra ficcional de João do Rio principalmente nos contos de *Dentro da noite*, que apresentam, em sua maioria, histórias que tratam de uma busca desenfreada pelo prazer a qualquer custo, seja pelo jogo, pelo uso de ópio ou morfina, ou pelo sadismo. Assim sendo, nosso objetivo com este trabalho consiste em reconhecer elementos característicos da estética decadentista no conto “História de gente alegre”, de João do Rio, que faz parte do livro *Dentro da noite*. Para isso, buscamos como referências teóricas os trabalhos de Levin (1996), Baudelaire (1996) e Bataille (1987), e nos utilizamos do método de análise estrutural da narrativa proposto por Barthes et al. (2008). No conto em questão, o Barão de Belfort, um típico dândi e narrador recorrente na obra de João do Rio, janta com o narrador do conto e, em meio a taças de champanhe, conta a história de Elsa d’Aragon, uma prostituta de apenas 18 anos que tinha paixão pelos excessos e que morre durante uma orgia regada à morfina com Elisa, que a desejava havia muito tempo. O artificialismo, o refinamento das sensações com o objetivo de produzir efeitos de histeria e alucinação, de acordo com Levin (1996), e a transgressão contida no desvio sexual, elementos característicos do Decadentismo, são explorados pelo conto, pois o que move Elsa é um desejo de experimentar algo novo e, ao mesmo tempo, artificial. Para alcançar seu desejo, o Barão a aconselha a cometer um grande excesso, seja com champanhe, éter ou morfina. Elsa decide buscar Elisa, que é caracterizada como uma mestra dos paraísos artificiais, e ter saciada a sua vontade com o uso de morfina e a partir da relação

¹ Este trabalho deriva de minha participação no projeto de pesquisa “Estruturas poéticas emergentes da modernidade”, orientado pelo Prof. Dr. Pablo Lemos Berned, entre 2014 e 2018.

² Graduada em Letras Português e Espanhol pela Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Cerro Largo. E-mail: ferrazsabrina13@gmail.com

³ Doutor em Estudos Literários. Professor do Curso de Letras da Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Cerro Largo. E-mail: pablo.berned@uffs.edu.br



sexual com outra mulher. No entanto, Elsa afirma não ter desejo por Elisa, pois fugia inclusive dos olhares da última. O gosto de Elsa pelo artificialismo leva-a rumo a um caminho de transgressão, seja dos sentidos, perturbados para alcançar sensações artificiais, seja do corpo, objeto do prazer sexual de outra mulher. Os anseios de Elsa só são saciados com sua morte, ao final da narrativa, em uma cena permeada pela escuridão da noite, que serve para ocultar os desejos, inconfessáveis durante o dia.

Palavras-chave: Literatura brasileira. Conto. Pré-modernismo. Decadentismo.

Categoria: UFFS - Pesquisa

Área do Conhecimento: Linguística, Letras e Artes

Formato: Comunicação oral